

**PERCEPÇÃO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

**PERCEPTION OF EATING DISORDERS AMONG ADOLESCENTS IN A PUBLIC SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF PONTA GROSSA-PR: A CONTRIBUTION TO SCIENCE AND BIOLOGY TEACHING**

**PERCEPCIÓN DE LOS TRASTORNOS ALIMENTARIOS ENTRE DOLESCENTES EN UNA ESCUELA PÚBLICA DEL MUNICIPIO DE PONTA GROSSA-PR: UNA CONTRIBUCIÓN PARA LA ENSEÑANZA DE CIENCIAS Y BIOLOGÍA**

*Erika Cristina Cordeiro dos Santos<sup>1</sup>; Andréa do Carmo Bruel de Oliveira<sup>2</sup>,  
Dionizia Xavier Scomparin<sup>3</sup>*

**Resumo**

Investigou-se a satisfação dos adolescentes com a imagem corporal, o entendimento sobre transtornos alimentares e se o tema é discutido nas disciplinas de Ciências e Biologia. O estudo foi realizado com 92 adolescentes no município de Ponta Grossa - PR, Brasil. Utilizou-se o questionário *Eating Behaviour and Body image Test*, juntamente com 4 questões abertas. Para as questões contidas no questionário foi analisada a frequência relativa e para a análise das questões abertas empregou-se a Análise de Conteúdo. Observou-se que a maioria dos adolescentes apresentou insatisfação com o corpo e/ou peso. O entendimento acerca de transtornos alimentares foi fragmentado e o tema era pouco trabalhado. Esses resultados reforçam a importância de abordar a temática no ensino de Ciências e Biologia.

**Palavras-chave:** Transtornos alimentares; Ensino de Ciências e Biologia; Educação em Saúde.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Ciências Biológicas - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, PR - Brasil. Mestranda em Botânica - Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Curitiba, PR, Brasil. **E-mail:** [cristinaerikacs69@gmail.com](mailto:cristinaerikacs69@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Educação - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, PR - Doutoranda em Educação - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, PR - Brasil. **E-mail:** [andracbruel@gmail.com](mailto:andracbruel@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Biológicas (Biologia Celular) - Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, PR - Brasil. Professor efetivo - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, PR - Brasil. **E-mail:** [scomparindio@hotmail.com](mailto:scomparindio@hotmail.com)

**Abstract**

We investigated adolescents satisfaction with their body image, the understanding of eating disorders, and whether the topic is discussed in science and biology subjects. The study was carried out with 92 adolescents from city of Ponta Grossa-PR, Brazil. The Eating Behavior and Body image Test questionnaire was used, along with 4 open questions. For the questions contained in the questionnaire, the relative frequency was analyzed, and for the analysis of open questions, we used Content Analysis. We observed that the majority presented dissatisfaction with the body and/or weight, the understanding about eating disorders was fragmented and the topic was little discussed. These results reinforce the importance of approaching the theme in science and biology teaching.

**Keywords:** Eating disorders; Teaching Science and Biology; Health education.

**Resumen**

Investigamos la satisfacción de los adolescentes con su imagen corporal, la comprensión de los trastornos alimentarios y si el tema se discute en las asignaturas de ciencias y biología. El estudio fue realizado con 92 adolescentes de la ciudad de Ponta Grossa-PR, Brasil. Se utilizó el cuestionario *Eating Behaviour and Body image Test* y 4 preguntas abiertas. Para las preguntas contenidas en el cuestionario se analizó la frecuencia relativa y para el análisis de las preguntas abiertas se utilizó el Análisis de Contenido. Observamos que la mayoría presentaba insatisfacción con el cuerpo y el peso, la comprensión sobre los trastornos alimentarios estaba fragmentada y el tema era poco discutido. Estos resultados refuerzan la importancia del abordaje del tema en la enseñanza de las ciencias y la biología.

**Palabras clave:** Transtornos de la alimentación; Enseñanza de Ciencias y Biología; Educación para la salud.

## 1 Introdução

A autoimagem e a satisfação corporal, assim como a ideia de corpo saudável estão atreladas ao padrão de “corpo ideal” divulgado e ofertado pela mídia como um produto conquistável (LUCENA; SEIXAS e FERREIRA, 2020; PASSOS *et al.*, 2013; SANTOS *et al.*, 2019). A expansão das redes sociais amplificou a divulgação de padrões corporais ditos “ideais” e os associou à satisfação, ao sucesso e ao *status* social, influenciando a percepção do indivíduo a respeito do corpo em todas as idades. No entanto, os jovens e adolescentes encontram-se na faixa etária que mais utilizam as redes sociais, o que os deixam mais vulneráveis à insatisfação corporal (LIRA *et al.* 2017).

A adolescência é marcada pela puberdade, fase em que ocorrem alterações endócrinas que levam à maturidade sexual, e também por mudanças psicológicas. Segundo Figueiredo (2019, p. 250) durante o período da adolescência, o adolescente “encontra-se inseguro com seu próprio corpo, construindo uma imagem corporal frágil e que atinge sua autoestima, podendo este olhar, voltado à sua aparência, tornar-se o principal aspecto de sofrimento nesta fase de identificação e desenvolvimento”.

Pesquisas recentes discutem a ocorrência da insatisfação com a autoimagem na população adolescente em idade escolar, o que pode acarretar comportamentos de risco à saúde nutricional e psicossocial, propiciando a suscetibilidade do adolescente aos transtornos alimentares (FREITAS *et. al.*, 2020). Para Oliveira e Hutz (2010) a autoimagem corporal é a representação mental que cada indivíduo possui do próprio corpo, esta é construída ao longo da vida pela relação estabelecida consigo mesmo e com o ambiente. Sabe-se que na

contemporaneidade, principalmente entre os adolescentes, relações sociais ocorrem amplamente no ambiente das redes sociais.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) descreve os transtornos alimentares (TAs) como perturbações na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação, resultando em quadros patológicos (DSM-V, 2014, p. 329). Indivíduos acometidos por TAs têm prejuízos na saúde física e no funcionamento psicossocial, o quadro patológico prevalece o aumento da morbidade e mortalidade na população. Dentro da literatura os principais TAs citados são a anorexia nervosa e a bulimia nervosa. De acordo com o DSM-V (2014, p. 341 e 347), tanto a anorexia quanto a bulimia têm início na adolescência ou na idade adulta jovem. Segundo Borges (2006), o mais comum é que as primeiras manifestações aconteçam na adolescência, entre os 13 e 17 anos.

Dentro desse contexto, faz-se importante refletir acerca do papel da escola como local de prevenção e debate em relação às doenças frequentes na fase da adolescência. Casemiro; Fonseca e Secco (2014) alegam que a escola representa um local de encontro entre saúde e educação, onde por meio de ações para prevenção e fortalecimento de fatores de proteção à saúde é possível promover educação em saúde. No entanto, conforme Mohr e Venturi (2013, p.2349), a educação em saúde desenvolvida dentro do ambiente escolar “carece de uma identidade verdadeiramente pedagógica e adequada ao ambiente escolar”.

No estudo “Promover saúde na escola”, os autores Casemiro; Fonseca e Secco (2014), afirmaram ter identificado a persistência de iniciativas de educação em saúde, centradas na doença, com foco para ações de triagem e prevenção. Da mesma forma, os resultados apresentados por Sousa; Guimarães e Amantes (2019), apontam que os Documentos Curriculares Nacionais (DCNs) tratam a saúde de forma limitada, dando enfoque à biologia e à fisiologia do corpo humano. Em ambos os estudos mencionados, os autores discutem a necessidade de desenvolver e fortalecer espaços para participação coletiva da comunidade escolar e profissionais da saúde. Esses mesmos autores enfatizam ainda a necessidade de descentralizar o foco mantido na doença e nos conceitos biológicos envolvidos nela, da prevenção como ação individual e voltar o olhar para a prevenção com enfoque nas pessoas.

Considerando a necessidade de um ensino que encaminhe o adolescente para o pensamento autônomo e reflexivo, esta pesquisa teve como objetivos investigar a satisfação com a autoimagem, o entendimento por parte dos adolescentes a respeito dos TAs, bem como a abordagem desses no ambiente escolar. Para atingir esse objetivo buscou-se investigar a satisfação dos adolescentes com o próprio corpo e peso, além de conhecer seus hábitos alimentares. Com o intuito de contribuir para futuras pesquisas, investigou-se a discussão do tema TAs, em sala de aula, dentro das disciplinas de Ciências e Biologia e no ambiente escolar como um todo.

## **2 Procedimentos Metodológicos**

### *2.1 Método de coleta de dados*

Este trabalho trata-se de um estudo quali-quantitativo, realizado em uma escola pública do município de Ponta Grossa-PR. A escolha da escola deu-se por conveniência, devido à localização de fácil acesso, à receptividade e disposição da direção em conceder espaço para pesquisas. O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Núcleo Regional de Educação, sob o protocolo de nº 15.942.669-6, tendo em seguida o aceite da direção da escola, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, com o parecer de nº 3.674.491.

O instrumento de investigação utilizado foi o questionário *Eating Behaviour and Body Image Test* (EBBIT), de Candy e Fee (1998), traduzido e adaptado por Galindo e Carvalho (2007). Para identificar o conhecimento prévio dos adolescentes no que se refere aos transtornos alimentares e abordagem do tema dentro das disciplinas de Ciências e Biologia, e ambiente escolar, e 4 questões abertas foram elaboradas pelas autoras e incorporadas ao instrumento de investigação.

Como critério de inclusão foram selecionadas séries que abarcavam alunos com faixa etária acima de 13 anos, dentro da instituição concedente, conforme o referencial teórico de Borges (2006). De acordo com esse critério enquadraram-se os nonos anos do Ensino Fundamental II e os três anos do Ensino Médio, que concordaram em participar e entregaram os documentos requeridos “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento (TA), corretamente preenchidos e assinados. A aplicação dos questionários deu-se nos horários das aulas de Ciências e Biologia, no período matutino, no mês de fevereiro de 2020. A soma total dos discentes matriculados nas turmas-alvo da pesquisa (9º ano do Ensino Fundamental II e 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio) totalizaram 197 alunos, no entanto, o número final de participantes foi de 92 discentes.

### *2.2 Método de análise de dados*

Com o término da coleta, os questionários foram codificados para manter-se o anonimato dos participantes. O código foi descrito pelo sexo biológico feminino (F) e masculino (M), série do participante (A ou B), ano de escolaridade (9, 1, 2, 3) seguido por um ponto (.) e número do questionário dado aleatoriamente dentro de cada série (1, 2, 3...). Como exemplo “FA1.2”.

O instrumento de coleta de dados foi composto pelo questionário pronto e já validado EBBIT, o qual contém 42 questões autoaplicáveis com respostas em uma escala *Likert*. Os escores que compõem a escala variam de 0 a 3, sendo (0 – nunca; 1 – raramente; 2 – frequentemente; 3 – sempre). Os objetivos das questões foram investigar a preocupação e a insatisfação com o corpo, o comportamento alimentar restritivo, o comportamento alimentar

**DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863**

compulsivo e comportamentos alimentares compensatórios e de alívio emocional. A primeira versão do EBBIT foi desenvolvida e validada por Virgínia E. Fee e Colette M. Candy, no ano 1998, para escolares estadunidenses. Com a finalidade de facilitar a compreensão e tornar as questões descritas no EBBIT mais próximas da linguagem da amostra de pesquisa, as autoras Galindo e Carvalho (2007) realizaram adaptações em alguns termos para facilitar a compreensão entre os adolescentes brasileiros.

As 42 questões foram separadas em 4 categorias, de acordo com a intencionalidade de investigação interpretada em cada uma delas. Na “categoria 1” foram agrupadas as questões que investigavam a preocupação e a insatisfação com o corpo (ex.: 2 “*Meu peso atual me incomoda*”). A “categoria 2” foi composta pelo agrupamento das questões que investigavam o comportamento alimentar restritivo (ex.: 4 “*Eu tento não comer mesmo quando estou com fome*”). Na “categoria 3” questões que investigavam o comportamento alimentar compulsivo (ex.: 26 “*Eu como muito, mesmo quando não estou com fome*”). Na “categoria 4”, por sua vez, questões que investigavam comportamentos alimentares compensatórios e de alívio emocional (ex.: 8 “*Eu como quando estou com raiva*”). Para análise dos resultados foi calculada a frequência relativa para cada escala, dentro de cada uma das 4 categorias para a amostra total (FIGURA 1) e estratificada entre meninas e meninos (TABELA 1).

Além do questionário EBBIT, o instrumento de coleta de dados contou com quatro questões abertas elaboradas pelas autoras. Essas questões especulavam a satisfação do adolescente com o corpo, o entendimento sobre o que são os TAs, a discussão do tema dentro das disciplinas de Ciências e Biologia e no ambiente escolar (QUADRO 1). Para a análise das questões discursivas utilizou-se como referencial teórico a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). A Categorização, técnica descrita dentro da Análise de Conteúdo auxilia na organização, na descrição e na interpretação do conteúdo de documentos e textos, sendo organizada em três momentos principais: pré-análise, exploração do material e posterior tratamento dos resultados.

QUADRO 1-Instrumento de coleta de dados autorais e seus respectivos objetivos.

| Questões abertas elaboradas pelas autoras |  |
|---|--|
| Questão nº 1                              | Investigar a satisfação com o corpo e o peso   |
| Questão nº 2                              | Compreender o entendimento sobre transtornos alimentares   |
| Questão nº 3                              | Investigar a abordagem do tema - Transtornos alimentares dentro das disciplinas de Ciências/Biologia |
| Questão nº 4                              | Identificar a ocorrência de abordagens do tema - Transtornos alimentares dentro do ambiente escolar  |

FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Neste trabalho as categorias de análise foram elaboradas pelas autoras a partir dos dados coletados, representando possíveis respostas para as questões especuladas e com base no referencial teórico levantado. De acordo com Bardin (2016, p. 138), a unidade de contexto “é correspondente ao segmento de mensagem, cujas dimensões são ótimas para compreender a significação da unidade de registro (UR)”. A unidade de registro (UR), por sua vez, “é a unidade de significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo, considerada unidade base para categorização e contagem de frequências” (BARDIN 2016, p. 135). Os registros descritos para cada uma das questões foram classificados de acordo com as unidades de contexto (UC) e suas respectivas unidades de registro (UR).

Foram elaboradas 4 UC, na primeira delas UC1, intitulada “Satisfação e autoaceitação do corpo e peso” foram unitarizadas as respostas obtidas na questão 1 - “Você está satisfeito com seu peso? Tem alguma coisa que te incomoda no seu corpo? ”, na qual foram utilizadas 2 UR. Dentro da UC2 "Concepção referente aos diferentes tipos de transtornos alimentares” foram inseridas as respostas obtidas na questão 2 - “O que você entende por transtornos alimentares (bulimia, anorexia, compulsão alimentar)?”, a qual contou com 5 UR. A UC3 intitulada “O tema transtornos alimentares dentro das disciplinas de Ciências e Biologia” comportou os registros obtidos na questão 3 - “Em algum momento nas disciplinas de Ciências ou Biologia você estudou sobre transtornos alimentares?”, a qual foi composta por 3 UR. Por fim, a UC4 nomeada “O tema transtornos alimentares dentro do ambiente escolar” na qual foram unitarizadas as respostas obtidas na questão 4 - “Você já participou de palestras ou atividades de intervenção sobre transtornos alimentares na sua escola?”, contou com 3 UR.

Com as UC e UR definidas, realizou-se a classificação e a contagem da frequência dos registros. Optou-se por expor um registro textual em cada UR, uma vez que esses descrevem de forma representativa os demais.

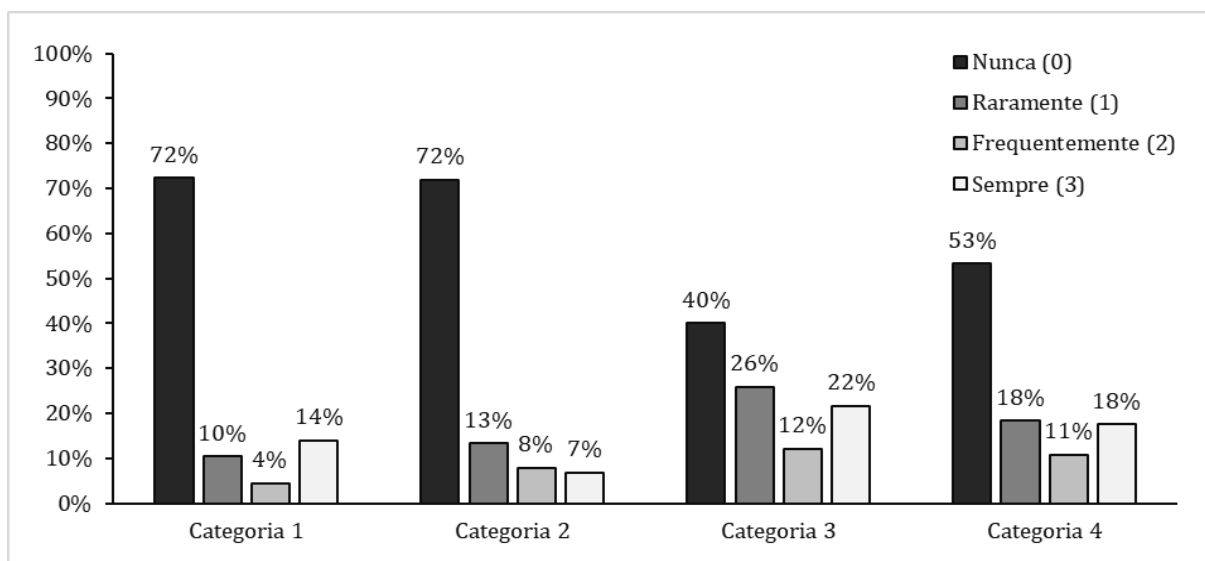
### 3 Resultados e Discussão

Dos 92 participantes da pesquisa, 54 eram meninas (59%) e 38 eram meninos (41%), com idade entre 13 e 18 anos. Os resultados e as discussões serão apresentadas em duas seções, a “SEÇÃO 1” que corresponde à análise do instrumento de coleta de dados EBBIT e a “SEÇÃO 2” correspondente à análise das 4 questões discursivas elaboradas pelas autoras.

#### 3.1 SEÇÃO 1 - Resultados da análise quantitativa

Os TAs são caracterizados pelos sintomas clássicos, como o medo de ganhar peso, a insatisfação e a preocupação com a forma corporal, restrição alimentar para perda de peso, compulsão alimentar, que pode ser seguida de um comportamento compensatório. O comportamento compensatório dá-se pelo uso de substâncias laxativas, diuréticas ou regurgitação dos alimentos consumidos por meio do vômito (DSM-V, 2014).

**FIGURA 1-** Frequência de respostas em escala de 0-3, dada pela amostra total em cada categoria. As categorias 1,2,3 e 4, investigam respectivamente, preocupação e insatisfação com o corpo; comportamento alimentar restritivo; comportamento alimentar compulsivo, comportamentos alimentares compensatório e de alívio emocional.



FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Na categoria 1 (FIGURA 1), onde foram agrupadas as questões que especulavam a “insatisfação e a preocupação com o corpo”, observou-se que 72% das respostas correspondem a “nunca” e 10% correspondem a “raramente”. Entende-se que a maior parte da amostra (82%) encontrava-se satisfeita com o corpo ou raramente se preocupava com a questão. No entanto, um percentual total de 18% da amostra sentia-se insatisfeito ou preocupado com o corpo, frequentemente (4%) e sempre (14%). Corroborando com os resultados desta pesquisa, Lemes *et al.* (2018) verificaram que na amostra com 1460 adolescentes, 74,7% encontravam-se satisfeitos com o corpo.

Na categoria 2 (FIGURA 1), “comportamento alimentar restritivo”, 85% não apresentam comportamento alimentar restritivo preocupante, uma vez que 72% responderam “nunca” e 13% “raramente” para as questões da categoria. Observa-se ainda, na categoria 2, que 15% da amostra possuem algum tipo de comportamento alimentar restritivo, desses 8% “frequentemente” e 7% “sempre”. Segundo Andrade *et al.* (2021), o comportamento alimentar é definido como a relação que o indivíduo possui com suas práticas alimentares, as quais estão associadas a inúmeros fatores, como o ambiente familiar e as questões socioculturais. Esses mesmos fatores podem influenciar a prática de dietas restritivas e serem possíveis desencadeadores dos TAs. É descrito por Souza *et al.* (2020) que a restrição alimentar, dentro do quadro de um transtorno alimentar, impede que o corpo do indivíduo acometido satisfaça a sua necessidade energética por meio da alimentação, colocando a saúde nutricional do corpo em risco.

Conforme descrito por (Souza *et al.* 2020 p. 100), a compulsão alimentar caracteriza-se pela ocorrência de “ingestão exagerada de alimento em comparação à ingestão alimentar que a maioria das pessoas consumiria, no mesmo espaço de tempo e em circunstâncias similares”. Dentro da categoria 3 (FIGURA 1), “comportamento alimentar compulsivo” considera-se que 34% da amostra apresenta comportamento compulsivo em relação à alimentação, sendo 22% o percentual mais preocupante, uma vez que responderam com o escore de “sempre”, e 12% “frequentemente”. Nesse contexto, Andrade (2021) descreve que “nos últimos anos, estudos salientam a relação da restrição alimentar no surgimento do Transtorno da Compulsão Alimentar”, uma vez que a autoimposição de rígidas dietas restritivas deixa o indivíduo suscetível à perda do controle alimentar e, conseqüentemente, ingestão exagerada de alimento.

Segundo o DSM-V (2014), tanto no quadro de bulimia quanto na anorexia nervosa, subtipo compulsivo-purgativo, há a ocorrência de comportamentos compensatórios inapropriados como vômitos autoinduzidos, uso indevido de medicamentos para a perda de peso, laxantes e diuréticos, jejum prolongado ou exercícios em excesso. Ao analisar os resultados obtidos para a categoria 4 (FIGURA 1), “comportamentos alimentar compensatórios e de alívio emocional”, observa-se que 29% dos pesquisados apontaram comportamentos de caráter compensatório e/ou se alimentam motivados por emoções, deste total 11% “frequentemente” e 18% “sempre”. Os demais 53% demonstraram “nunca” apresentar ou “raramente” 18%. No estudo realizado por Brandt *et al.* (2019) mais da metade da amostra relatou buscar conforto emocional na alimentação. Conforme os resultados, esses mesmos indivíduos estavam em risco de desenvolver transtornos alimentares. No mesmo estudo é descrito que “o conflito entre comida e ansiedade pode levar ao surgimento da compulsão alimentar e da obesidade” (BRANDT *et al.* 2019, p. 222).



**TABELA 1** - Frequência de respostas em escala de 0-3 dentro de cada categoria estratificada entre meninas e meninos.

| FREQUÊNCIA         | CATEGORIA 1 | CATEGORIA 2 | CATEGORIA 3 | CATEGORIA 4 |
|--------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>MENINAS</b>     |             |             |             |             |
| Nunca (0)          | 66%         | 70%         | 36%         | 50%         |
| Raramente (1)      | 11%         | 14%         | 28%         | 18%         |
| Frequentemente (2) | 6%          | 10%         | 13%         | 11%         |
| Sempre (3)         | 17%         | 6%          | 23%         | 20%         |
| <b>MENINOS</b>     |             |             |             |             |
| Nunca (0)          | 78%         | 75%         | 45%         | 66%         |
| Raramente (1)      | 11%         | 12%         | 23%         | 15%         |
| Frequentemente (2) | 3%          | 6%          | 12%         | 9%          |
| Sempre (3)         | 9%          | 8%          | 19%         | 10%         |

**FONTE:** Elaborado pelas autoras (2020).

Pode-se observar na tabela 1, na qual apresentam-se estratificados os resultados entre meninas e meninos, que a escala 0 que corresponde a “nunca”, aparece com maior frequência nas respostas dos meninos (78%, 75%, 45%, 66%) em comparação com as respostas dadas pelas meninas (66%, 70%, 36%, 50%), assim como a escala 1, 2 e 3 que correspondem a “raramente”, “frequentemente” e “sempre”, as quais aparecem com maior frequência entre as respostas das meninas, quando comparadas às respostas dadas pelos meninos. Esses resultados sugerem que as meninas tendem a apresentar, com maior frequência, preocupação com o corpo, ações de comer de maneira restritiva ou em excesso e comportamentos característicos de quadros de TAs, quando comparadas aos meninos.

Para Boris e Cesídio (2007, p. 466), “o ideal de corpo preconizado pela sociedade leva a mulher a uma insatisfação crônica com seu corpo, se odiando por alguns quilos a mais e adotando medidas radicais para corresponder ao modelo cultural”. As autoras Lemes *et. al* (2016 p. 4294) concordam que “meninas adolescentes, muitas vezes, possuem avaliações negativas de seu peso corporal e isso pode acarretar sérios riscos à saúde”. As mulheres em todas as idades são alvos de pressão social para conquistar o corpo dito como “perfeito” para a atualidade em que se vive.

DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863

Nesse estudo, observa-se que 31% das meninas responderam à categoria 4 com frequentemente (11%) e sempre (20%). Esse percentual é preocupante e faz-se primordial ressaltar a importância das pesquisas e iniciativas informativas e educativas de intervenção dentro do ambiente escolar, no que diz respeito aos TAs.

### 3.2 SEÇÃO 2 - Resultados da análise qualitativa

No quadro 2 são apresentados registros identificados a partir da análise da questão 1, a qual especulava a satisfação com o peso e com o corpo, também está disponível neste quadro a frequência dos registros obtidos e classificados em cada UR da UC1. Obteve-se 15 registros (16,3%) com afirmações incoerentes, que não permitiram uma interpretação satisfatória para a análise, sendo desconsiderados para a apresentação no quadro 3. A falta de coerência nas respostas pode estar ligada, ou não, à compreensão acerca da pergunta, ou à dificuldade em expressar corretamente o que se pretendia falar.

QUADRO 2- Unidades de Registro e frequência da questão 1.

| UC1 “SATISFAÇÃO E AUTOACEITAÇÃO DO CORPO E PESO” |   |
|--|---|
| UR 1.1   | Satisfação com o peso e o corpo: 33 registros (35,8%)<br>“Estou bem com meu corpo e peso” FB1.4                                     |
| UR 1.2   | Insatisfação com o peso e o corpo: 44 registros (47,8%)<br>“Não sou satisfeita com meu peso, minha barriga me incomoda muito” FB2.3 |
| Total:   | 77 registros (83,6%)  |

FONTE: As autoras (2020).

Dentro da UR1.1 33 alunos/as (35,8%) afirmaram estar satisfeitos com o peso e/ou com o corpo, sendo 15 meninas e 18 meninos. Observou-se que do total de 33 registros, 23 relataram satisfação com peso e corpo, como exemplo tem-se a resposta do aluno MA1.11: “Estou satisfeito e não tem nada no meu corpo que me incomoda”. Encontrou-se ainda 7 registros que afirmaram satisfação com o peso, no entanto, não mencionaram o corpo; 3 alunos/as afirmaram satisfação com o corpo, sem mencionar o peso nos registros, como exemplo tem-se o registro MB1.8: “Estou satisfeito com meu peso”.

As autoras Amaral; Galego e Novello (2016) realizaram um estudo entre adolescentes sobre o estado nutricional e a percepção corporal e observaram que a maioria dos adolescentes estava satisfeita com a sua imagem corporal, não apresentaram alterações no estado nutricional e possuíam autopercepção corporal positiva. Os autores Santos *et al.* (2011) observaram, em seus estudos, que estudantes satisfeitos com o peso corporal possuíam uma rotina alimentar

composta por três refeições ou mais por dia e ingestão de, no mínimo, cinco porções de frutas por semana.

Dentro da UR1.2 “insatisfação com o peso e/ou com o corpo” foram agrupados 44 registros (47,8%), sendo 34 deles descritos por meninas e 10 por meninos. Observou-se que 11 registros se referiam à barriga como região do corpo específica de insatisfação, sendo 10 deles descritos por meninas, como por exemplo, o registro FB2.3: “*Não sou satisfeita com meu peso, minha barriga me incomoda muito*”. As autoras Justino; Enes e Nucci (2020, p. 729) observaram que 22% dos adolescentes que compunham a amostra estudada por elas, relataram insatisfação com a forma corporal. As meninas eram mais predispostas à busca por perder peso, principalmente aquelas com obesidade abdominal. As autoras Lira *et al.* (2017) observaram, em uma amostra composta apenas por meninas, que a maior parte apresentava insatisfação corporal, mesmo com peso adequado as participantes desejavam ter uma silhueta menor.

Encontrou-se 12 registros que relatavam insatisfação com o peso devido à autopercepção do corpo como sendo muito magro, por exemplo, MA3.7: “*Não estou. Ter um corpo muito magro*”, o que de acordo com a literatura pode indicar uma percepção distorcida da própria imagem. Nos trabalhos de Almeida *et al.* (2018); Carvalho *et al.* (2016); Claumann *et al.* (2019) é discutido que meninos também podem apresentar obsessão pelo corpo perfeito e distorção da autoimagem, subestimando o próprio estado nutricional, o que é apontado pelos autores como resultado de uma concepção empírica difundida popularmente de que um corpo magro é fraco e frágil, o que faz com que os meninos superestimem e busquem um corpo musculoso para serem aceitos. Os resultados apresentados no estudo de Justino; Enes e Nucci (2020) corroboram com os achados nesta pesquisa, uma vez que também encontraram relatos em que os adolescentes se autopercebiam magros/as ou muito magros/as e relataram desejo de ganhar peso.

Observou-se na UR1.2 que 6 alunos/as demonstraram estarem insatisfeitos com o peso e se percebiam “gordos” e insatisfeitos com essa característica corporal, como exemplo, o registro MB1.7: “*Não, eu sou muito gordo e isso me prejudica muito, costumo ser zoadado por isso*”. No estudo “Insatisfação corporal, *bullying* e fatores associados em adolescente”, os autores Andreolli e Triches (2019) observaram uma maior frequência de recebimento de insultos, sentimento de tristeza e desamparo por parte daqueles alunos insatisfeitos com o corpo. Neste contexto ressalta-se que, o sobrepeso é prejudicial à saúde física e fisiológica do corpo, como apontam estudos voltados à temática, no entanto, o “prejuízo” ressaltado no registro MB1.7 refere-se aos insultos e comentários que aquele aluno recebe em relação à característica física de seu corpo. Esses insultos são resultado da intolerância social com aquele corpo que é diferente do, erroneamente, entendido como ideal (ANDREOLLI e TRICHES, 2019; CARVALHO *et al.*, 2016; JUSTINO, ENES e NUCCI, 2020).

DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863

Na análise qualitativa observou-se que a insatisfação com o peso, com o corpo ou com ambos com foi superior (47,8%) a satisfação (35,8%), inverso ao observado a partir da análise quantitativa (categoria 1), em que 82% demonstraram satisfação e 18% insatisfação. Destacamos a importância da pesquisa qualitativa como complementar à quantitativa. Considerando que, a pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos por cada indivíduo ao vivenciar uma determinada experiência, ou ainda a percepção deste indivíduo perante um determinado assunto, expondo particularidades dentro de uma amostra (TURATO, 2005).

No quadro 3 são apresentados registros obtidos a partir da análise da questão 2, a qual visava compreender o entendimento sobre TAs dentro da amostra pesquisada, é apresentada ainda a frequência dos registros obtidos e classificados em cada UR da UC2. Foram fragmentados 2 registros para UR1 e UR2. Encontrou-se 10 registros (10,6%) com respostas incoerentes, ou seja, sem ligação à questão perguntada, 3 alunos/as (3,1%) não responderam à questão, pois não se encontravam inclusos nas URs expostas a seguir.

QUADRO 3 - Unidades de Registro e frequência da questão 2.

| UC2 "CONCEPÇÃO REFERENTE AOS DIFERENTES TIPOS DE TRANSTORNOS ALIMENTARES" |   |
|---|---|
| UR 2.1  | <b>Transtornos alimentares como um problema de saúde e/ou doença: 19 registros (20,6%)</b><br><i>"Sei que são doenças muito prejudiciais a nossa saúde, e as pessoas que passam por isso nunca acham que estão doentes"</i> FB2.1                                 |
| UR 2.2  | <b>Transtornos alimentares como resultado de insatisfação corporal, tentativa de emagrecer e medo de engordar: 9 registros (9,7%)</b><br><i>"Eu acho que é quando a pessoa sente obsessão pelo corpo, para deixa ele do jeito que quer e não se aceita"</i> FA3.9 |
| UR 2.3  | <b>Transtornos alimentares como condição ligada à ação de se alimentar: 7 registros (7,6%)</b><br><i>"Não ter uma alimentação saudável"</i> MA2.6   |
| UR 2.4  | <b>Concepção de um transtorno alimentar específico: 4 registros (4,2%)</b><br><i>"Que a pessoa come e depois se culpa, sofre com isso e dá um jeito de pôr para fora"</i> FA3.12  |
| UR 2.5  | <b>Desconhecimento: 42 registros (45,6%)</b><br><i>"Não entendo"</i> FA3.5  |
| <b>Total:</b>   | <b>81 registros (87,8%)</b>   |

FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Dentro da UR2.1 foram agrupados os registros de 19 alunos/as (20,2%) que demonstraram entender os TAs como um problema e/ou uma doença relacionada à alimentação, com o peso corporal, ou que afetam a saúde e o psicológico do indivíduo acometido. Como exemplo dessa UR cita-se a aluna FB3.6: “*Problemas psicológicos onde pessoas pensam que estão muito gordas, ou magras*”. A associação do tema ao problema pode estar ligada à tentativa de explicar os TAs como uma condição complicada, que é difícil de ser solucionada, como uma doença psicológica que tem relação com a alimentação e, respectivamente, com o peso do indivíduo. O que nos permite entender que esses alunos/s compreendem que os TAs alteram o funcionamento biológico e conforme o DSM-V “comprometem significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial” (DSM-V,2014 p. 329).

Agrupados na UR2.2, 9 registros (9,5%) com descrições de TAs como uma preocupação excessiva com o corpo, baixa aceitação do próprio corpo, tentativa de alcançar a perfeição corporal, tentativa de emagrecer ou medo de engordar, como exemplo tem-se os registros FB1.10: “*Pessoas que não comem por medo de engordar*. Destaca-se com base no referencial teórico desta pesquisa, que tanto a anorexia quanto a bulimia envolvem uma preocupação excessiva com o peso e com o corpo, distorção da autoimagem e um medo doentio de engordar. Sendo assim, notou-se que os registros dentro desta UR apresentam uma noção desses sintomas, no entanto, pode-se perceber que as descrições feitas pelos alunos/a são confusas. Observou-se que a descrição “medo de engordar” consiste em um fragmento da descrição de um dos critérios-diagnóstico para anorexia nervosa - “Critério B: medo intenso de ganhar peso ou de engordar ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso, mesmo estando com peso significativamente baixo” (DSM-V, 2014 p. 339, grifo nosso).

Observou-se que 7 alunos/a (7,4%) entendem os TAs como condições de saúde que estão relacionadas à ação de se alimentar, em que os indivíduos acometidos passam mal devido à alimentação. O registro a seguir exemplifica as ideias descritas na UR 2.3, FB3.2: “*São causados pela forma de mal se alimentar*”. Observou-se que o termo “alimentar” pode ter levado os alunos a uma dedução empírica, de que se trata de uma doença causada diretamente e apenas por influência do alimento propriamente dito, relação incorreta com o quadro patológico de TAs.

Dentro da UR 2.4 apenas 4 alunas, que representam 4,2% dos registros, citam e descrevem o entendimento sobre um ou mais TAs, como no registro FA3.13: “*Anorexia é quando a pessoa acha que está acima do peso e para de comer [...]*”. Dentro dessa unidade de registro identificou-se que os alunos tentaram definir os termos anorexia e bulimia de uma forma objetiva, ligando-os ao sintoma mais conhecido popularmente. As autoras Santos e Oliveira (2016) observaram, em sua pesquisa, uma concepção prévia sobre anorexia, por parte dos alunos, antes de participarem de uma intervenção didática, em que 54% das respostas

DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863

relacionaram anorexia ao baixo peso e como uma doença e 15% apontaram consequências do distúrbio da anorexia. O resultado é considerado pelas autoras como fruto da presença do tema na mídia.

Um percentual de 44,6% dos registros na UC2 foi agrupado na UR 2.5, que se refere à falta de conhecimento dos alunos/a sobre o tema de TAs. Esse percentual representa o registro de 42 participantes. Como exemplo, tem-se o registro MA9.1: “*Eu entendo que é uma coisa muito ruim só isso não sei mais*”. Concorda-se com as autoras Santos e Oliveira (2016 p. 233), as quais consideram que temáticas como a dos TAs “devem ser inseridas nas práticas pedagógicas, de modo a permitir que os alunos possam (re)construir significados para esses conceitos e, dessa forma, estarem alertas para os problemas advindos e saber como preveni-los”.

O Manual Diagnóstico para Transtornos Mentais define que os transtornos alimentares consistem em “uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos e que compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial” (DSM-V, 2014 p. 329). Com essa descrição pode-se observar que o conhecimento dos alunos sobre TAs se fragmenta em descrições curtas, que ora nos permitem fazer ligação com a descrição contida no DSM-V, ora nos levam a analisar a total desconexão com a definição correta.

No quadro 4 são apresentadas descrições obtidas na questão 3, a qual especulava a abordagem do tema TAs nas disciplinas de Ciências e Biologia. No mesmo quadro é apresentada a frequência dos registros obtidos e classificados em cada UR da UC3. Encontrou-se um percentual de 8,6% correspondente a 8 registros com respostas imprecisas, com descrições vagas sobre ter estudado em algum momento o tema dentro das disciplinas de Ciências e Biologia, como por exemplo, MB1.16: “*Acho que sim*”. Sendo assim, não estão enquadradas em nenhuma das URs, uma vez que não permitiram uma interpretação clara do que se perguntou.

QUADRO 4- Unidades de Registro e frequência da questão 3.

| UC3 “O TEMA TRANSTORNOS ALIMENTARES DENTRO DA DISCIPLINAS<br>CIÊNCIAS e BIOLOGIA” |   |
|---|---|
| UR 3.1  | <b>Estudaram: 22 registros (23,9%)</b><br>“Sim, em Ciências” FA1.1          |
| UR 3.2  | <b>Não recordam: 22 registros (23,9%)</b><br>“Se estudei não lembro” FB1.25 |
| UR 3.3  | <b>Nunca estudaram: 40 registros (43,4%)</b><br>“Ainda não” FB9.3           |
| <b>Total:</b>   | <b>84 registros (91,2%)</b>   |

FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Dentro do agrupamento da UR3.1, 22 alunos/a afirmaram ter estudado o tema TAs dentro das disciplinas de Ciências e Biologia, correspondendo a 23,9% da UC3. Como exemplo tem-se MB9.7: “*Aham, 7ª série*”. O percentual encontrado nesta UR representa menos da metade da amostra dentro deste estudo, o que se considerou preocupante, uma vez que, o ensino do tema pode auxiliar no entendimento de que a preocupação excessiva com o corpo e a busca por um padrão de perfeição leva ao comprometimento da saúde do indivíduo. Nesse mesmo sentido, Santos *et al.* (2011) concluem na pesquisa “Satisfação com o peso corporal e fatores associados em estudantes do ensino médio”, que é preciso trabalhar medidas preventivas entre os adolescentes, com o intuito de discutir a cultura do corpo existente na sociedade e os prejuízos à saúde.

Um total de 22 alunos/a (23,9%) responderam não saber ou não recordar ter estudado o tema TAs dentro das disciplinas mencionadas na questão, tendo assim seus registros agrupados na UR3.2, cita-se como exemplo a aluna FA3.11: “*Não recordo*”. O fato de os alunos/as não recordarem pode estar relacionado ao fato de o ensino não ter sido significativo, ou seja, ter sido focado apenas em questões fisiológicas afetadas pelos transtornos, sem uma visão contextualizada acerca do tema. É discutido por Sousa; Guimarães e Amantes (2019) que os documentos curriculares que norteiam o processo de ensino, tais como, os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, apontam para o estudo de temas referentes à alimentação e nutrição, no entanto, a abordagem da saúde é limitada, dando enfoque para a anatomia e fisiologia do corpo humano. Do mesmo modo, durante o processo de formação dos professores é enfatizado o funcionamento biológico e processos fisiológicos sobre a alimentação. O que, pode sugerir, falta de preparo por parte dos professores durante o processo formativo para contextualizar assuntos como os TAs, de modo a ultrapassar o limite do biológico e incorporar ao processo de ensino-aprendizagem aspectos socioculturais (ARAYA, 2017).

O maior percentual dentro da UC3 (43,4%) representa a UR3.3, na qual foram agrupados 40 registros com afirmações de que nunca houve o estudo do tema TAs nas disciplinas de Ciências e Biologia. Como exemplo traz-se o registro FA3.2: “*Não. Só em sociologia*”, o que pode refletir que o tema TAs não é trabalhado nas disciplinas de Ciências e Biologia, na maioria das vezes. Ressalta-se, a partir desse resultado, a escassez de estudos investigando e discutindo o tema TAs nas disciplinas foco da pesquisa, assim como a relação entre o tema e as disciplinas nas bibliografias disponíveis.

No quadro 5 são apresentados fragmentos textuais identificados a partir da análise da questão 4, cujo objetivo foi o de identificar a ocorrência de abordagens do tema TAs dentro do ambiente escolar. Está presente no mesmo quadro a frequência dos registros obtidos e classificados em cada UR da UC4. Um total de 6 registros (6,5%) apresentaram-se com respostas incoerentes, desconectadas da pergunta em questão, ficando fora da exposição do quadro 5.

QUADRO 5- Unidades de Registro e frequência da questão 4.

| UC4 “O TEMA TRANSTORNOS ALIMENTARES DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR” |  |
|---|--|
| UR 4.1  | Participaram: 2 registros (2,1%)<br><i>“Sim palestras nos informando sobre o assunto”</i> MA3.14 |
| UR 4.2  | Não recordam: 17 registros (18,4%)<br><i>“Não que eu me lembre”</i> FB1.12                       |
| UR 4.3  | Não participaram: 67 registros (72,8%)<br><i>“Nunca participei”</i> FA9.3                        |
| <b>Total:</b>   | <b>86 registros (93,3%)</b>  |

FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Dentro da UC4 apenas 2 alunos/as relataram em seus registros ter participado de atividades referentes aos TAs, no ambiente escolar em algum momento, sendo agrupados à UR 4.1 e representando 2,1% da UC em questão. Como exemplo cita-se a resposta do aluno MA3.14: “*Sim palestras nos informando sobre o assunto*”. A escola juntamente com a família tem um importante papel na identificação de comportamentos de risco e encaminhamento a profissionais especializados (CASEMIRO; FONSECA e SECCO, 2014). Considera-se essencial a realização de atividades interventivas voltadas para temas atuais, como é o caso dos TAs. O fato de se trabalhar frequentemente temas de forma contextualizada auxilia na vigília por parte dos próprios alunos e entende-se que os discentes também podem ser protagonistas na identificação de comportamentos de risco entre os colegas, uma vez que a proximidade entre eles pode ser maior que com os professores ou com a equipe escolar.



O total de alunos/as que relataram não recordar ter participado de atividades referentes aos TAs no ambiente escolar foi de 17, esses registros foram agrupados na UR 4.2, correspondendo a 18,4% da UC4. Como exemplo traz-se o registro da aluna FA3.13: “*Não me lembro*”. Novamente ressalta-se que, o fato dos alunos/as não lembrarem de atividades referentes à temática na escola pode estar ligado ao fato de não terem ocorrido ou não terem sido apresentadas de forma contextualizada à realidade dos alunos.

Agrupou-se um percentual de 72,8% dos registros na UR4.3, o qual corresponde às respostas de 67 alunos/as, que descreveram não ter participado de atividades referentes aos TAs no ambiente escolar, como exemplo cita-se a aluna FB2.1: “*Não participei*”. As autoras Sousa; Guimarães e Amantes (2019) discutem que as disciplinas de Ciências e Biologia representam tradicionalmente áreas de discussão de conteúdos relacionados à saúde, o que é alvo de críticas, pois a saúde é um tema transversal e deveria estar contemplado em todos os componentes curriculares. Dentro do contexto de realização de atividades voltadas para temas referentes à saúde, como os TAs, Mohr e Venturi (2013, p. 2349) apontaram que “há carência de reflexões de natureza pedagógica para pensar, analisar e propor atividades de educação em saúde na escola”. Dessa forma e com base nos resultados da pesquisa em questão infere-se que há urgência na elaboração de estratégias interventivas e com caráter contextualizado voltadas ao tema dos TAs.

#### **4 Considerações finais**

Concluiu-se com a pesquisa que o número de alunos/a insatisfeitos com o corpo e o peso é maior que em relação ao número de satisfeitos/a, sendo as meninas mais insatisfeitas que os meninos. A percepção de TAs, na amostra, foi vaga e fragmentada, no entanto, não se pode afirmar que esses alunos não entendem totalmente o que são os TAs. Com base nos dados e no referencial pode-se afirmar que há a necessidade de se trabalhar o tema entre os adolescentes, visando o encaminhamento desses ao desenvolvimento de um pensamento autônomo, contentamento com a autoimagem e fortalecimento da autoestima. Além disso, faz-se necessário trabalhar as temáticas referentes à autoimagem e ao corpo, com o intuito de desconstruir a ideia de que existe um padrão de corpo ideal e perfeito para combater o preconceito com a diversidade corporal.

Ao observar os resultados obtidos nas UCs 3 e 4, respectivamente, infere-se que o tema não é tratado frequentemente e com a devida importância dentro das disciplinas de Ciências e Biologia, nem no contexto escolar. O que representa um resultado preocupante, uma vez que se trata de um tema transversal importante para a educação em saúde.

Da mesma forma é importante estimular novos estudos que busquem analisar o processo formativo dos educadores, referente aos diferentes tipos de transtornos alimentares, e se esses

DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863

se encontram preparados para trabalhar os TAs de modo que possibilitem a reflexão quanto à problemática de tais transtornos para a saúde dos/as educandos/as.

## Referências

ALMEIDA, C. A. N.; GARZELLA, R. C.; NATERA, C. da C.; ALMEIDA, A. C. F.; FERRAZ, I. S.; DEL CIAMPO, L. A. **Distorção da autopercepção de imagem corporal em adolescentes**. International Journal of Nutrology, v.11, n.2, set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1055/s-0038-1669407> .Acesso em: 02 mai. 2023.

AMARAL, Aline C. Chagas do; GALEGO, Beatriz Valle; NOVELLO, Daiana. **Estado nutricional e percepção corporal entre adolescentes de uma escola do município de Guarapuava, PR**. Rev. da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações-MG, v.14, n.1, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5344016>. Acesso em: 22 fev. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, Cháritas de Almeida; BEZERRA, Rodrigo A.; MAGNAVITA, Ana Prudência A.; SILVA, Lívia Souza G. R. e. **Dietas restritivas e o risco para o desenvolvimento de compulsão alimentar em adolescentes**. Brazilian Journal of Development, Curitiba-PR, v.7, n.5, mai. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.30119>. Acesso em: 16 out. 2022.

ANDREOLLI, Andressa Salete; TRICHES, Rozane Marcia. **Insatisfação corporal, bullying e fatores associados em adolescentes**. Ciência & Saúde, Rio Grande do Sul, v.12, n.3, jul./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-652X.2019.3.33077> . Acesso em: 16 out. 2022.

ARAYA, J. F. B. **Percepção de professores sobre ensino de temas de alimentação e nutrição: Análise comparada Chile-Brasil**. Educación científica e inclusión sociodigital: actas del IX CIEDUC, v.1, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=706985#volumen155400> .Acesso em: 02 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª ed. (3ª reimp.) Lisboa: Edições 70, 2016. (Obra original publicada em 1977)

BORGES, Nádia J. B. Goulart; SICCHIERI, Juliana Maria F.; RIBEIRO, Rosane P. P. Pessa; MARCHINI, Júlio Sérgio; SANTOS, José Ernesto. **Transtornos alimentares-quadro clínico**. Medicina, Ribeirão Preto- SP, v.39, n.3, jul. /set. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v39i3p340-348>. Acesso em: 16 out. 2022.

BORIS, Georges Daniel J. B.; CESÍDIO, Mirella de H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. mal-estar e subjetividade, Fortaleza-

CE, v.7, n.2, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2021.

BRANDT, Lorenna M. Temóteo; FERNANDES, Liege Helena F.; ARAGÃO, Amanda S.; LUNA, Thayná Pinto da C.; FELICIANO, Rodrigo Macedo; AUAD, Sheyla Márcia; CAVALCANTI, Alessandro Leite. **Comportamento de risco para bulimia em adolescentes**. Rev. Paulista de Pediatria, São Paulo- SP, v.37, n.2, abr. /jun., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462;2019;37;2;00008>. Acesso em: 16 out. 2022.

CANDY, Colette M.; FEE, Virginia E. **Underlying dimensions and psychometric properties of the eating behaviors and body image test for preadolescent girls**. Journal of Clinical Child Psychology, v. 27, n. 1, 1998.

CARVALHO, Pedro Henrique B. de; OLIVEIRA, Fernanda da Costa; NEVES, Clara Mockdece; MEIRELES, Juliana F. F.; LOPES, Vinícius G. Valverdu; FERREIRA, Maria Elisa C. **Busca pela "muscularidade" e variáveis associadas em adultos jovens**. Rev. Brasileira de Medicina do Esporte, São Paulo – SP, v.22, n.2, mar./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-869220162202142544>. Acesso em: 16 out. 2022.

CASEMIRO, Juliana Pereira; FONSECA, Alexandre B. Carvalho da; SECCO, Fabio V. Martins. **Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina**. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro- RJ, v.19, n.3, mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.00442013>. Acesso em: 16 out. 2022.

CLAUMANN, Gaia Salvador; LAUS, Maria Fernanda; FELDEN, Érico P. G.; SILVA, Diego A. Santos; PELEGRINI, Andreia. **Associação entre insatisfação com a imagem corporal e aptidão física relacionada à saúde em adolescentes**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro-RJ, v.24, n. 4, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.17312017>. Acesso em: 16 out. 2022.

FIGUEIREDO, Roberta. **A obsessão pelo corpo e o desenvolvimento de transtornos alimentares em jovens adolescentes**. Pretextos – Rev. da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Poços de Caldas- MG, v.4, n.7, jan./jul. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18634>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FREITAS, Christian B. de; VELOSO Thiago C. Pereira; SILVA SEGUNDO, Lenoilson P. da; SOUSA, Filipe P. G. de; GALVÃO, Brenda S.; PAIXÃO, Phelipe A. R. **Prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes**. Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista- SP, v.9, n.4, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.3018>. Acesso em: 16 out. 2022.

GALINDO, Elizângela M. Careta; CARVALHO, Ana Maria Pimenta. **Tradução, adaptação e avaliação da consistência interna do *Eating Behaviours and Body Image Test* para uso com crianças do sexo feminino**. Rev. de Nutrição, Campinas-SP, v.20, n.1, jan./fev. 2007.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732007000100005>. Acesso em: 16 out. 2022.

JUSTINO, Maraísa I. C.; ENES, Carla Cristina; NUCCI, Luciana Bertoldi. **Imagem corporal autopercebida e satisfação corporal de adolescentes**. Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife-PE, v. 20, n. 3, jul./set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000300004>. Acesso em: 16 out. 2022.

LEMES, Daniela Carolina M.; CÂMARA, Sheila Gonçalves; ALVES, Gehysa Guimarães; AERTS, Denise. **Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro-RJ, v. 23, n. 12, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182312.14742016>. Acesso em: 16 out. 2022.

LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Senhorini; ALVARENGA, Marle dos Santos. **Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro – RJ, v.66, n. 3, jul./set., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>. Acesso em: 16 out. 2022.

LUCENA, Bianca Bulcão; SEIXAS, Cristiane Marques; FERREIRA, Francisco Romão. **Ninguém é tão perfeito que não precise ser editado: fetiche e busca do corpo ideal**. Psicologia USP, São Paulo- SP, v.31, n.1, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190113>. Acesso em: 16 out. 2022.

MOHR, Adriana; VENTURI, Tiago. **Fundamentos e objetivos da Educação em Saúde na escola: contribuições do conceito de alfabetização científica**. Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas, [en línea], n. Extra, set. 2013. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/307873>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANTOS, Eduila Maria C.; TASSITANO, Rafael Miranda; NASCIMENTO, Wallacy M. F. do; PETRIBÚ, Marina de M.V.; CABRAL, Poliana Coelho. **Satisfação com o peso corporal e fatores associados em estudantes do ensino médio**. Rev. Paulista de Pediatria, São Paulo-SP, v.29, n.2, jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-05822011000200013>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANTOS, Manoela A. P. dos; OLIVEIRA, Maria de Fátima A. de. **Uma metodologia investigativa para o ensino do distúrbio alimentar anorexia**. Rev. Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, Mangueiras-RJ, V.15, n.2, p.215-239, 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23743>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANTOS, Manoel Antônio dos; OLIVEIRA, Vitor Hugo de; PERES, Rodrigo Sanches; RISK, Eduardo N.; LEONIDAS, Carolina; OLIVEIRA-CARDOSO, Érika A. de. **Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável**. Saúde e Sociedade, São Paulo-SP, v.28, n.3, jul./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035>. Acesso em: 16 out. 2022.

**DOI: 10.46667/renbio.v16i1.863**

SOUSA, Marta Caires; GUIMARÃES, Ana Paula M.; AMANTES, Amanda. **A Saúde nos Documentos Curriculares Oficiais para o Ensino de Ciências:** da Lei de Diretrizes e Bases da Educação à Base Nacional Comum Curricular. Rev. Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte- MG, v.19, n.1, jan./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2019u129153>. Acesso em: 16 out. 2022.

SOUZA, Mariana P. Gomes; SAMPAIO, Rafaella; CAVALCANTE, Ana Carolina M.; ARRUDA, Soraia P. Machado; PINTO, Francisco José M. **Comportamento alimentar e fatores associados em servidores:** contribuições para a saúde coletiva. Rev. de Atenção à Saúde, São Caetano do Sul-SP, v.18, n.63, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ras.vol18n63.6162>. Acesso em: 16 out. 2022.

OLIVEIRA, Leticia Langlois; HUTZ, Cláudio Simon. **Transtornos alimentares:** o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. Psicologia em estudo, Maringá-PR, v. 15, n. 3, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MGVrVGGrjn8VPDYyCqdmNLj/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 fev. 2021.

PASSOS, Michelle D. dos; GUGELMIN, Sílvia Ângela; CASTRO, Inês R. Ribeiro de; CARVALHO, Maria Claudia da V. S. **Representações sociais do corpo:** um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro-RJ, v.29, n.12, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00027513>. Acesso em: 16 out. 2022.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde:** definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev. de Saúde pública, São Paulo- SP, v.39, n.3, jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>. Acesso em: 16 out. 2022.

Recebido em outubro de 2022.  
Aprovado em junho de 2023.

Revisão gramatical realizada por: Emanuelle Priscilla Lenschuko.  
E-mail: [manulenschuko@gmail.com](mailto:manulenschuko@gmail.com)